



REFERENCIAÇÃO E A ESCRITA DE C.
(THE PROCESS OF REFERENCE AND C. WRITING)

Edilaine BUIN-BARBOSA (PG-UNICAMP)

ABSTRACT: *This paper analyses the process of reference as a discursive activity being based on the written production and on the images gathered during the act of writing.*

KEYWORDS: *reference; discourse; a child; written acquisition.*

1. Introdução

Através das marcas de reelaboração do texto escrito de uma criança de 10 anos, referida como C., como letras sobrepostas, sinais de apagamentos, de substituições e também com o suporte da filmagem do momento em que a criança produziu o texto, é possível capturar o raciocínio elaborado por ela para construir a referenciação. Esta é entendida como uma atividade discursiva, como também defendem Koch e Marcuschi (1998), que, envolvendo experiências e escolhas, é muito mais complexa do que a simples relação do termo lingüístico com o mundo extralingüístico, como explica uma concepção tradicional (Lyons, 1968).

C. produziu o texto que vamos analisar no ambiente doméstico, como uma atividade independente da escola e a partir da proposta elaborada pela investigadora, a qual nos referiremos por P.. C. ficou a maior parte do tempo sozinho no ambiente, apenas com a câmera apontada para ele.

2. Sobre antecedentes

Observando a cadeia anafórica construída por C., no texto que segue, podemos dizer, em um primeiro momento, que, provavelmente, pensando em um possível interlocutor, C. preocupa-se em deixar claro a que se refere *tudo* (4ª linha)- não só a lanchinho, que é o elemento que antecede, mas também à cerveja, que escreveu posteriormente entre parênteses. É evidente que o sujeito sabe qual é a referência de "tudo", mas e o leitor, saberia?... Quando C. escreveu o elemento anafórico *tudo*, deve ter pensado no "lanchinho" que denota um conjunto de alimentos: bebida, lanche (sinônimo de sanduíche), bolacha, suco etc., usual na cidade de Campinas (SP). Observa-se que ele diz "tomar um lanchinho" e não "comer um lanchinho". O próprio enunciado da proposta de produção de textos pode ser considerado ambíguo:

Imagine que você entrou em uma lanchonete, fez um lanche e descobriu que não tinha dinheiro suficiente para pagar. Você teve que se entender com o gerente. Elabore um texto em que você e o gerente sejam os personagens.



“*fez um lanche*” – “tomou um lanche” ou “comeu um lanche”? Temos dois referentes para uma única palavra. *Lanchinho* pode significar um pão com referentes para uma única palavra. *Lanchinho* pode significar um pão com alguns ingredientes ou o conjunto de alimentos e o ato de digeri-los em uma refeição. Posso, então, formular a hipótese de que *tudo* é uma anáfora que se refere a este último significado.

Entretanto não é *lanchinho* que antecede a anáfora, elemento mais próximo, mas sim *sanduba*, termo utilizado na gíria, comum na cidade de Campinas, que é sinônimo de *sanduíche*, *lanche* ou *lanchinho* (pão com recheios diversos ou com um único recheio). Consciente de que *tudo* não poderia referir-se a *sanduba*, C. escreve, entre parênteses, *com a cerveja*, a fim de adequar a referência.



Rafael foi até a lanchonete tomar
um sanduíche.
Ele pediu pediu um sanduíche ^{de}
que tudo veio de + aí - uns R\$ 10,00
(como com a cerveja).
Mas ^{Rafael} acabou comendo 3 sanduíches
e tomando 2 cervejas.
Ele pediu a conta mais bebida.
- Fazer, faz favorzinho, não dá sua
conveniência.
- Cui está simbar, - disse a garçonete.
Na hora que Rafael viu a conta ele
se assustou, a conta tinha dado R\$ 28,00
(vinte e oito reais).
E a garçonete veio novamente para
pagar o dinheiro, mas Rafael não dá o dinheiro
e diz:
- Eu não posso pagar! - diz
ele. ^{ele} disse ele.
- Ou paga ou vai ter que
se vir com o gerente! - falou a garçonete.
- Pois saiba que não posso pagar!
- Então vai levar ao gerente!
leva - lo



(R/04/98) E foi o que fez. Eles convergiram e discutiram durante horas. Eles dizem: (com um ao outro)
— Você vai pagar!
— Não vou não!
— Então eu chamo a polícia!
— Não chame! Não tenho medo.
— Pois eu vou me pagar eu e a polícia a polícia!
— Mas eu só estou com dez reais.
— Não me importa!!
O que eu posso fazer como pagamento?
— Bem, pouco começa, você pode levar a comida, depois o bifezinho, depois os pratos, depois lá, lá, lá, lá, ...!!!
No final ele acabou fugindo, nós tinha outros alternativas mesmo.
E ele aprendeu que nunca mais se deve pagar ~~mais~~ mais de que ~~grato~~ grato. E de ~~lá~~ daquele dia em diante ele nunca mais permitiu ~~entrar~~ entrar em ~~uma~~ restaurante, pois ele pensou:
— Cu, Cu, Cu, melhor me ~~compre~~ comprar do que ter que pagar o ~~restante~~ restante.

Também é possível observar que C. escreveu e, ainda no interior dos parênteses, parou e ficou pensando (fato recuperado pela gravação em vídeo), muito provavelmente refletindo sobre o que havia acabado de escrever, a conjunção aditiva. Esse foi o instante em que a pessoa que filmava aproveitou a pausa para dizer para C. que se ausentaria por um tempo (P. já havia se retirado; a câmera, contudo, continuou filmando). Ao retomar o texto, C. continua sua reflexão e elimina o e. A relevância



desse fato é que, muito provavelmente, C. pensou em construir uma referência catafórica para *tudo*: “cerveja e sanduba” e se deu conta de que não precisava repetir o que já havia especificado, - *sanduba*, pois ficaria redundante.

Além disso, esse fato pode confirmar a hipótese de que *tudo* é uma anáfora que se refere a *lanchinho* com o significado de fazer uma refeição – comer um sanduba, tomar uma cerveja.

3. Planejando a redação - o Humor

O fato de C. ter apagado “lanch” e logo em seguida ter escrito “lanchinho” (atitude que o senso comum consideraria “banal”, mas que registra, na verdade, um trabalho epilingüístico) revela, desde o início do texto, uma preocupação com a referência. Observe que a alteração que realiza neste momento é diferente da alteração que realiza no próximo parágrafo: altera a palavra *pediu* cujo *u* aparece com uma perna a mais e *coma* que altera para *com*; ao invés de *pediuum* deveria escrever *pediu um* e *coma* deveria ser *com a*. Nestes dois casos a alteração visou apenas à adequação à segmentação das palavras. E também essas alterações não são seguidas de pausas como ocorre naquela.

Além disso, a preocupação com referência de *lanche* pode estar atrelada à tentativa de C. criar humor em seu texto. Propositadamente ele usou o diminutivo para criar um clima engraçado quando revelasse depois o tanto que o personagem consumiu, que equivaleria a um “lanchão”. Temos a impressão de que C. planejou o seu texto exatamente nesse momento. A reformulação da palavra é um momento importante para decidir que encaminhamento dará ao texto. A solução que encontra é criar um possível humor.

Esta hipótese sobre o planejamento pode ser confirmada através do que podemos observar no vídeo. C. primeiro lê o tema e pára para pensar por alguns segundos. P. até comenta:

P. Use a imaginação.

Ele ainda faz uma pausa movendo a caneta numa tentativa de iniciar o primeiro parágrafo - parece que escreve algumas letras no mesmo lugar sem encostar no papel e, em seguida, pergunta:

C. Mas onde é que eu começo?...Como é que eu começo?

O diálogo então continua:

P. Onde você começa?

C. Eu começo da onde? É::: com/quando ele já está com o gerente?
Quando ele... (confuso, não deu para entender)

P. Quando ele foi para a lanchonete.

C. Ah::: Eu posso dar nome?

P. (responde com gesto afirmativo)

(Ocorre aqui uma pausa)

P. Você está optando por não falar de você por falar de outra pessoa.

Depois que escreve a palavra *lanchinho* faz uma pausa mais longa. Até que desenha um ponto final bem destacado, ato precedido por uma pausa. Enquanto destaca o ponto final, provavelmente já está refletindo sobre o que vai escrever .



Isso pode confirmar que foi ao optar pela expressão referencial *lanquinho* e não *lanche* o momento em que o garoto planejou o texto, tentando deixá-lo engraçado: o leitor imagina uma refeição modesta, por causa do uso do diminutivo, e depois sua expectativa é quebrada com o tanto que o personagem consumiu.

4. Clímax e Referenciação

C., no início do terceiro parágrafo, opta por substituir “ele” por “Rafael”. Pelo vídeo, observamos que ele tomou esta resolução logo que terminou de escrever *comendo*, na mesma linha. Poderíamos dizer que C. realizou esta substituição apenas para evitar repetir *ele*. O fato, porém, de C. repetir várias vezes o pronome de terceira pessoa no final do texto pode quebrar esta hipótese. Podemos, então, pensar que o autor optou por nomear o personagem por se tratar de um “ponto forte” de seu texto, o *clímax*, que desencadeia todo o desenvolvimento da narrativa. O predicado do sujeito “ele” (substituído por “Rafael”) – “acabou comendo 3 sandubas e tomando 8 cervejas” explicita os acontecimentos que vão dar origem à trama narrativa - a falta de moderação, a gula do personagem leva ao problema pedido pelo tema – não ter dinheiro suficiente para pagar a conta. Ocorre, neste momento da narrativa, uma mudança de categoria narrativa, iniciando o que pode ser chamado de *complicação*.

A mudança de categoria narrativa é o que Marslen-Wilson & Levy & Tyler (1982) dizem que ocorre em uma mudança de episódio narrativo – quando muda-se de episódio e aparece um novo quadro, o escritor geralmente opta pelo uso de uma expressão definida e não do pronome, mesmo que o uso deste último não cause nenhum problema de coerência.

Descartamos em nossa análise o “acaso”. O indivíduo tem ao seu dispor uma série de alternativas para designar os mesmos referentes. A opção pelo uso de “Rafael” e não “ele” em um determinado momento da narrativa partiu de uma escolha (que pode ter sido inconsciente). Não consideramos a substituição um ato mecânico, mas uma *operação lingüística* (Fiad, 1991) que revela um processo cognitivo de trabalho com a linguagem.

5. A identificação do escritor com os personagens

A proposta pedia para que o aluno fizesse parte da narrativa sendo personagem que não tinha dinheiro para pagar a conta: “imagine que você entrou em uma lanchonete...elabore um texto em que você e o gerente sejam os personagens”. Ao ler a proposta, imediatamente, C. comentou que não gostaria de fazer parte da história e se poderia por outro no lugar: Rafael (que era o nome de um menino da sua classe). C. opta por não utilizar a primeira pessoa porque, provavelmente, criar uma história com uma personagem com características pré-determinadas pela proposta (comer e não ter dinheiro para pagar a conta) provoca um distanciamento entre ele e sua personagem. Para uma criança, às vezes, pode ser complicado imaginar uma personagem narrada em primeira pessoa que não se identifique exatamente com ela. A primeira pessoa pode estar muito vinculada, nesse momento, a fatos que ocorreram com o autor. Como dissemos, a escolha do nome Rafael não foi feita ao acaso: trata-se de um colega de



escola, sobre o qual C. comentou, em ocasiões anteriores, que se tratava de um menino *chato*, que não fazia nada direito e bagunceiro. Foi muito mais tranquilo para C. aproximar seu personagem de alguém com estas características. C. preocupa-se com a própria imagem à medida em que evita se expor e opta por expor outro em seu lugar.

6. Últimas considerações

Trabalhar com a referenciação dentro de uma concepção que valoriza a atividade epilingüística abre campo para conhecer muitos outros aspectos que envolvem a produção de texto, como algumas vivências pelas quais passou o escritor.

Além disso, há um *outro*, leitor imaginário, que interage com C. durante o tempo em que escreve. O planejamento do texto existe em função desse *outro* que é para quem a escrita necessita estar clara.

O jogo com as imagens que se faz *dos outros* e que se deseja que façam de si próprio é outro elemento a destacar: C. tinha imagem pessoal que gostaria de preservar, assim como uma imagem daqueles que com ele convive, no caso um colega de classe.

Essas considerações só têm existência a partir de uma visão discursiva de referenciação, a qual permite trilhar caminhos percorridos pelo sujeito, os quais possibilitam o melhor entendimento do próprio processo de aquisição da modalidade escrita da linguagem.

RESUMO: Analisa-se a referenciação como uma atividade discursiva, através do texto escrito de um sujeito e da filmagem em vídeo do momento de produção.

PALAVRAS-CHAVE: *referenciação; discurso; um sujeito; aquisição da escrita.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIAD, R. S. "Operações lingüísticas presentes na reescrita de textos". Em: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 4. Lisboa: AULP, 1991.
- KOCH, I. V. & MARCUSCHI, L. A. "Processos de Referenciação na Produção Discursiva"; Em *D.E.L.T.A.*, vol. 14(169-1990), 1998.
- LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1968.
- MARSLEN-WILSON, W. & LEVY, H. & TYLER, L. K. "Producing interpretable discourse: the establishment and maintenance of reference". Em JARVELLA, R.J. e W. Klein. 1982. *Speech, place and action*. J. Wiley, 1982